

# Alta Idade Média - Feudalismo

João Pedro Ricaldes dos Santos – História 2011

**O feudalismo teve como características essenciais uma economia voltada prioritariamente à subsistência, quase sem uso da moeda, e uma sociedade trifuncional, em que a elite de guerreiros e o Clero vivem do trabalho dos servos. Agrega traços da Roma Antiga (o latim, a economia em decadência, a fuga das cidades) e traços dos povos bárbaros (invasores de Roma): a ausência de moeda e comércio, o domínio dos guerreiros, a divisão trifuncional.**

As origens do sistema feudal se localizam na queda de Roma. A civilização urbana e centralizada fragmenta-se em diversos reinos bárbaros, em contínua ruralização: visigodos na Hispânia; vândalos na África; hérulos na Itália, germanos na Alemanha. Mas foram os francos que definiram os traços mais fortes do feudalismo. Na dinastia dos Merovíngios (séc. VI-VIII) o povo franco toma a Gália, adota o cristianismo e distribui as terras aos seus guerreiros, que exigem trabalho da população invadida.

Os guerreiros passam a se identificar pelo tipo de região recebida: marquês (nas “marcas” das fronteiras); conde; duque. Surge a nobreza. Na dinastia dos Carolíngios (séc VIII-IX) Carlos Magno expande este sistema de vassalagem para uma área mais ampla: França, Alemanha e norte da Itália.

Os Papas do período logo buscam a proteção dos reis bárbaros e, em troca, prestam-lhe apoio político. O clero divulga a idéia de que a divisão trifuncional é harmônica e divina como a Trindade: o clero protege as almas (oração); a nobreza protege a sociedade (guerra); o servo produz (trabalho).

Os nobres estabelecem entre si as relações de vassalagem, como fez Carlos Magno: um nobre (o suserano) dá um feudo a outro nobre (o vassalo) que retribui com serviço militar permanente. Para os camponeses, os nobres impõem a servidão: um nobre concede a um camponês o direito de explorar a área servil, além do direito de ser defendido em caso de guerra, em troca das obrigações servis (a corvéia, a talha e banalidade)

Assim forma-se um sistema de poder descentralizado em que cada feudo tem autonomia administrativa e jurídica. Os reis, como suseranos maiores, têm o poder de convocar todos os nobres de seus países para a guerra, mas não tem autoridade jurídica, econômica ou administrativa sobre os feudos. Esta é a monarquia feudal.

O fator de coesão era o medo das invasões, seguidas de saques e assassinatos: bárbaros combateram bárbaros por pelo menos cinco séculos (do V ao X d.C.), período de formação do feudalismo, também chamado de Alta Idade Média.

Havia, portanto, uma insegurança coletiva que se verificava na alta mortalidade, na baixa expectativa de vida (30 anos) e na submissão do homem às forças da natureza (climáticas e animais). Nesta atmosfera mental, o homem feudal manifesta um sentimento geral de uma “humanidade envelhecida”, no final dos tempos históricos, além da crença na vida como estágio transitório e da busca de formas de fuga deste mundo (monges, peregrinos, eremitas).

A salvação da alma é uma preocupação de todos, assim como o medo do inferno e o sentimento de uma “dupla espionagem” (anjos e demônios) sobre cada ato de cada indivíduo (maniqueísmo). Havia ainda o Milenarismo, isto é a crença no fim do mundo após o primeiro milênio, anunciado por sinais de destruição, mas como espera otimista do retorno de Jesus para iniciar uma Era de eterna felicidade.